



## **(AUTO)BIOGRAFIA: ESCRITAS DE SI E ESCRITAS DE OUTRO NO IMAGINÁRIO DE FORMAÇÃO.**

Lucinéia Contiero (1); Gisele Pasquini Fernandes (2)

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte / Academia da Força Aérea, [conlucineia@hormail.com](mailto:conlucineia@hormail.com));

(Universidade Estadual de Maringá, [gipasquinif@gmail.com](mailto:gipasquinif@gmail.com))

**Resumo:** Este artigo discute aspectos de categorias do gênero biográfico utilizadas no campo educacional como construto de formação docente: a autobiografia, a memória, o diário. Importa a esta abordagem investigar as subespécies do gênero atentando para a pertinência da promoção da verossimilhança narrativa e sua implicação para a representatividade da construção identitária e do conceito reflexivo-critico-transformador. Tencionamos abordar os parâmetros factuais da construção memorialística que muito tem servido de base científica, na atualidade, como sistematização bibliográfica sobre a profissão docente. Para tanto, servimo-nos do apoio teórico de autores fundamentais como Ricouer, Lejeune, Sartre, Foucault, Bachelard, Vilas Boas.

**PALAVRAS-CHAVE:** autobiografia; verdade factual; trajetórias de formação docente.

Pesquisas recentes apontam um grande interesse pela categoria narrativa autobiográfica como apoio de formação humana. De fato, há muito mais diálogo entre a teoria literária e a sociologia, a antropologia, a educação, do que tem ventilado nossa historiografia. O desenvolvimento de novas leituras e novos entendimentos a partir das histórias de vida de professores representadas por diários, memórias, autobiografias de formação é o foco de interesse desta discussão que se presta a abordar teoricamente os contornos do método a partir de uma breve discussão sobre o gênero biográfico e suas subespécies categoriais em face da veracidade informacional, da verdade factual. Para tanto, servimo-nos do apoio teórico de autores fundamentais, como Ricouer, Lejeune, Sartre,

Foucault, Bachelard, Klinger, Vilas Boas.

A linguagem é compreendida como construção social e histórica, e o sujeito como aquele que é moldado nas relações intersubjetivas em diferentes interações. Se é verdade que ensinar a usar a língua e a entender como a linguagem funciona no mundo atual é tarefa fundamental para a construção da cidadania e da inclusão democrática no mundo contemporâneo das comunicações imediatas, da tecno-informação e da possibilidade de se expor e fazer escolhas entre discursos autênticos e variados sobre a vida social (MOITA-LOPES; ROJO, 2004), também é verdade que o desenvolvimento da prática narrativa autobiográfica, das escritas de si, tem formalizado e intensificado o desenvolvimento da (auto)consciência do



processo de formação. Daí porque vem sendo foco de inúmeros estudos e pesquisas nas pós-graduações de todo o país. Partilhamos o mesmo interesse: este trabalho resulta de um pequeno recorte de uma investigação maior desenvolvida pelas autoras, professoras das áreas de Ciências da Linguagem e de Formação de Professores, que se dedicam ao estudo da perspectiva metodológica da (auto)biografia de formação defendendo a ideia de que a verdade pessoal é tão complexa quanto a realidade social, esta que é constituída por pessoas que estão em um processo de autoconhecimento contínuo.

Experiências são vivenciadas de forma inter-relacionada e holística. A narratividade factual possibilita a construção de sentido de uma vida, resultante da organização do que ocorreu nas experiências e aprendizagens, com a dimensão espacial, temporal, além das relações sociais (ABRAHÃO, 2008). Aquele que se dedica ao estudo ou à narratividade das escritas de si trabalha com dados inexatos, carregados de subjetividade, emoções, impressões. Daí porque o pesquisador busca a compreensão do fenômeno estudado considerando sempre a generalização analítica e não uma generalização estatística.

Compreende-se o presente através da apreensão do “passado pela experiência e vozes dos atores sociais que as viveram” (ABRAHÃO, 2008). Tal compreensão tem

sido motivação de uma revisão consciente do *ser* e do *fazer* docente como forma de autoconhecimento e aprimoramento das capacidades profissionais. Porém, ao voltar-se para o passado a fim de analisar passos, tropeços e escolhas da trajetória profissional buscando uma reformulação ou simplesmente a prática consciente do mesmo percurso em continuidade, o sujeito seria mesmo capaz de se deparar com verdades factuais ou apenas uma invenção ou impressão delas?

O sujeito da memória é o *eu*, na primeira pessoa do singular. Lembrar-se de passagens vividas é necessariamente lembrar-se de *si*? Lembrar-se é ter lembranças ou ir à busca delas? Sob a associação de ideias está situada uma espécie de mescla entre memória e imaginação. Seria, pois, legítimo nos servirmos desse constructo na formação profissional? Seremos capazes de reconstruir a nossa imagem autenticamente para dela nos servirmos socialmente criando uma identidade profissional? Desprovidos do compromisso de responder a esta questão, antes tencionamos problematizar os parâmetros factuais da construção memorialística que muito tem servido de base científica, na atualidade, como sistematização bibliográfica sobre a profissão docente.

Desde muito tempo, a memória é vista como uma província da imaginação e, tanto por isso, “deve ser tratada com suspeição”,



confirma Ricouer (2007, p. 25). A memória é pouco confiável precisamente por se tratar do único recurso para representar o caráter passado daquilo que é constituído o *lembrar* no presente. O problema suscitado pela confusão entre memória e imaginação remonta à filosofia ocidental: Sócrates (469-399 a.C.) elaborou uma espécie de fenomenologia da confusão ao discutir “tomar uma coisa por outra”; e Aristóteles (384-322 a.C.), em seu “De memoria et reminiscencia”, apresentou a memória como a “representação frágil de um tempo” e que, como tal, “difere muito da realidade vivida, suscetível a desdobramentos e redobramentos inesperados” (apud RICOUER, 2007: p.27-8).

Etimologicamente, biografia é um termo composto por *bio-* indicativo da ideia de vida e *-grafia*, elemento de composição que traduz as ideias de escrever e descrever. O gênero é um ramo da literatura dedicado à descrição ou narração da vida de alguém, geralmente com certo grau de importância social. Em sentido estrito, uma biografia se reporta a toda a extensão da vida do biografado, não apenas recontando os eventos que a compõem, mas recriando a imagem de como é ou foi e quais elementos contribuíram para a sua identidade narrada. Frise-se o termo *narrada*, vez que a identidade não pode ser expressa em palavras, ainda que fossem

usados todos os recursos discursivos possíveis para tal objetivo.

A autobiografia, por si, é uma categoria ou subespécie do gênero biográfico (e tão antiga quanto), escrita pela pessoa de quem o enredo fala, sob o feito de narrar a própria existência. A biografia é categoria literária antiga. Está no Velho Testamento, remetendo aos patriarcas, por exemplo. Na Grécia Clássica, onde Aristóxeno de Tarento criou a biografia literária, Platão e Xenofonte escreveram sobre Sócrates. Entre os romanos, Tácito, para elogiar o sogro, escreveu a primeira biografia “na acepção moderna”, e Plutarco ajudou a “fixar algumas das linhas mestras do gênero”. Santo Agostinho, na Idade Média (séc. IV) foi o autor da primeira autobiografia, *Confissões*, de grande repercussão. A categoria inclui manifestações literárias semelhantes entre si, como confissões, memórias, cartas, diários, narrações que revelam sentimentos íntimos e experiências do autor. Tanto na biografia quanto na autobiografia, o suporte da escrita confere materialidade aos rastros conservados e reanimados por enriquecimento de episódios inéditos, formados através da imaginação própria ou de narração de pessoas próximas ao (auto)biografado<sup>1</sup>. É do presente, do ato da

---

<sup>1</sup> A partir deste ponto, passamos a usar a expressão “(auto)biografia” quando nos referirmos às duas categorias literárias na mesma argumentação.



escrita que se evocam todos os *l*ás e *s*ensações que fizeram parte da referencialidade permanente do passado e que ora são revistos e rerepresentados. Opõe a biografia à autobiografia, basicamente, a hierarquização das relações de semelhança e de identidade: na biografia, a semelhança fundamenta a identidade; na autobiografia, a identidade fundamenta a semelhança. A identidade é o ponto de partida real da autobiografia; a semelhança, o impossível horizonte da biografia. O biografado é um modelo idealizado pelo biógrafo sobre o qual serão inferidas semelhanças com o homem real.

Opostas a todas as formas de ficção, a biografia e a autobiografia são textos referenciais, tal qual o discurso histórico ou científico. Estas se propõem a fornecer informações a partir de uma realidade externa ao texto e a submeter, portanto, a uma prova de verificação. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a máxima semelhança com o real. Não o *efeito do real*, mas a *imagem do real*, mais aproximada a esse possível. Como gêneros literários, ambas as categorias trabalham com o improvável: tentar definir a essência de uma pessoa. Um texto biográfico é um título literário – histórias mal contadas e impuras – insuficientes no que se refere à veracidade e verificabilidade. A verdade não pode ser de

todo dita, revela-se apenas em parte. Além de transformada, mostra-se indiretamente, através de elevados níveis de subjetividade.

Phillippe Lejaune entende que veracidade e verificabilidade são elementos desnecessários ao gênero e suas categorias. Para o estudioso, uma “autobiografia não é quando alguém diz a verdade sobre sua vida, mas quando diz que a diz, para que haja uma autobiografia é preciso uma relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem” (2008, p. 15).

Embora Lejeune admita, em outros momentos, que a subjetividade e a distância temporal podem comprometer o sentido realista do que se conta, essa oposição entre (auto) biografia e ficção pelo critério da verdade factual tem suscitado problematizações sem fim. Uma delas, muito apreciada pelos estudiosos da biografia, é de Pierre Bourdieu. Bourdieu resiste à ideia de que a biografia dê conta da complexidade da vida. Para ele, segundo o senso comum, a biografia “descreve a vida como um caminho”, como um “deslocamento linear” com começo, meio e fim. É, como quer a filosofia da história, uma “sucessão de acontecimentos históricos”. De acordo com esse modo de ver, a vida constitui um “conjunto coerente e organizado [...] segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica”. A vida, segundo Bourdieu,



não é tão coerente, e considerá-la assim, no projeto biográfico, “talvez seja uma ilusão retórica”. Essa tradição foi quebrada, na ficção, com o *nouveau roman*. Se o real “é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão”, a representação tradicional é arbitrária, e o trabalho biográfico uma “criação artificial de sentido”. Em todo o caso, explica Bourdieu, “não podemos nos furtar à questão dos mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e como totalidade” (1998, p. 185). A apreensão de experiências complexas pode talvez ser recuperada “na unidade de um relato totalizante” (p. 186), como acontece nas formas “do falar de si, confidências, etc”. O nome de uma pessoa, uma “imposição arbitrária” que a autoriza a agir socialmente por um processo identificatório relativamente preciso, é uma forma e um recurso totalizante. Nesse plano, a biografia, entre outros documentos, “constitui a vida na totalidade finita” (1998, p.186). Assim, os relatos biográficos lineares não responderiam a contento à realidade complexa da vida. Mas Bourdieu reconhece, contrariado, a imperiosa e necessária intromissão, neles, de certa lógica, ainda que ela contrarie a dinâmica subterrânea da vida: “Tudo leva a crer que o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da apresentação oficial de si, carteira de

identidade, ficha de estado civil, *curriculum vitae*, biografia oficial, bem como da filosofia da identidade que o sustenta, quanto mais nos aproximamos dos interrogatórios oficiais das investigações oficiais”. A biografia, “esse artefato socialmente irrepreensível”, corre o risco de abrigar “processos sociais mal analisados e mal dominados” (1998, p.187). Apresentar uma vida em termos de uma sucessividade de acontecimentos estáticos, centrada em um nome, parece-lhe absurdo: “os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social” (idem, *ibidem*). Quer Bourdieu censure, quer reconheça sua inevitabilidade, essa “grafia” como escrita cronológica linear é método consagrado, em biógrafos novos e antigos.

A bem da verdade, o breve ensaio de Bourdieu só poderia remeter àquela oposição de Lejeune se considerarmos que, sendo a experiência vital alinear e complexa, sua transposição linear e totalizante numa biografia resultaria numa “ilusão”, numa falsa apreensão do real. O que Bourdieu faz, ao admitir uma movimentação vital mais complexa do que se supõe, é problematizar essa nossa incapacidade de restaurar os fatos com isenção absoluta, por interposição de toda ordem, emocional, ideológica, etária, cronológica. No limite, a dificuldade estaria, e disso não trata Bourdieu no seu texto, na



própria intermediação sógnica, uma vez que a linguagem não é o que revela, apenas representa. Sob essa perspectiva, os fatos reais são representações de fatos reais. O real seria, pois, inalcançável. Tal perspectiva incita dizer que a história de uma vida passa a ser também, em graus variados, a ficção de uma vida.

A diferença básica entre ficção e (auto)biografia reside no fato de se tomar esse gênero como obra indubitável, como um desabafo ou registro pessoal de inscrição no mundo, sem ligações com os contextos de produção ficcional, o que pode ser desmascarado em análises elementares. Portanto, pode-se deduzir que o grau de diferença entre um texto de ficção, um texto de memórias romanceadas e um texto autobiográfico não é nítido, depende da ampliação das lembranças expostas textualmente: mais voltadas para os envolvimento sociais, mais voltadas ao âmbito pessoal e familiar, ou se transcendem essa dimensão individual.

A palavra (auto) biografia aceita casar-se com muitos termos, podendo, quando for o caso, indicar restrição da abordagem, seleção de interesses: (auto) biografia musical, (auto) biografia artística, (auto) biografia política, (auto) biografia esportiva... A ideia de uma (auto) biografia intelectual remete mais para o pensador, para aquele que

geralmente escreve, o literato, o sociólogo, o antropólogo, o dramaturgo, o esteta, o crítico, o professor... A expressão “intelectual” é uma atribuição relacionada à atividade vital pela qual o biografado se fez mais conhecido. Admite-se hoje, cada vez mais, com o aumento de leitores especializados (muitas vezes acadêmicos), a (auto) biografia intelectual, que poderia ser definida, em termos amplos, como aquela que perscruta mais o despertar da inteligência indagativa e ou criativa, sua formação, seu desenvolvimento, seus desdobramentos práticos (inspirações e compromissos educacionais, políticos, artísticos, sociais, etc) e, por fim, seus frutos, as obras. A biografia intelectual seria mais ampla que a biografia crítica e inclinada a cooptá-la em graus variados.

É válido avaliar a forma como as biografias e autobiografias contam as histórias de vida (em sentido amplo), uma vez que elas são metáforas de algo maior, não um quebra cabeças finito passível de arranjos cronológicos e emocionais no qual as peças se encaixam logicamente. Uma coisa é o que a pessoa realmente é, outra é o que é idealmente, como formas de construção ou representação de sujeitos escritos. Na verdade, a vida é irreproduzível em qualquer de suas dimensões, nenhum método de incluir a vida na escrita dará conta da amplitude e da



profundidade que comportam a real dimensão do viver, ainda que pelas mãos de quem a vive, no caso o autobiógrafo. Bachelard atesta: “a imaginação mal matiza as lembranças e o resultado dessa interferência é apenas um jogo que preenche as lacunas para tornar a narrativa linear e poética, e que sua utilidade é a de aumentar os valores da realidade” (2008, p.18). Acreditando-se conhecer o sujeito no espaço e no tempo, conhece-se apenas uma série de fixações imaginativas em espaços simbólicos do passado que sugestionam uma estabilidade do indivíduo, não passando de uma constituição narrativa que fornece coerência existencial ao vivido.

Pensando na dificuldade de aproximação do ser e da escrita, Paul Ricoeur ressalta que é “impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo. A ideia de narração exaustiva é uma ideia performaticamente impossível. A narrativa comporta necessariamente uma dimensão seletiva” (2007, p. 455). O ato de escrever ou de se inscrever no mundo funciona como oportunidade de nascimento ou renascimento, em que as escolhas são permitidas, em que o espelho da vida não precisa mostrar a mesma imagem refletida. Subentende-se, pois, que pela escrita, o sujeito pode ser refeito, narrado, o sujeito se torna outro, não o real.

Vilas boas questiona se a (auto) biografia pode prescindir de uma trama e de uma tessitura de significados (2008, p. 233). A trama seria responsável, nas narrativas de vida, pela sustentação das ações humanas, não apenas dentro de um tempo narrado, mas dentro da memória de quem acompanha a narrativa. Logo, a tessitura dos significados causaria uma aproximação com a vivência do leitor através de inferências pessoais. As narrativas de vida são formadas pela inter-relação de modelos planejados, acrescidos de interpretação de uma vida normal, já existente e pré-fabricada socialmente. Como narrar uma vida diante da pluralidade existencial que comporta o indivíduo? Aristóteles responderia: “o ser se diz de múltiplas maneiras” (apud RICOUER, 2007, p. 41).

As histórias de vida, narradas oralmente ou escritas, combinam pelo menos duas dimensões: cronológica e não cronológica. A primeira remete à condição episódico-sucessiva que caracteriza as ações da história sobre a vida do sujeito, a segunda à dimensão “configuracional”, no dizer de Ricoeur (apud VILAS BOAS, 2008, p. 235). A trama da vida, afirma ainda Ricoeur, conecta-se a elementos reflexivos, estéticos e discursivos. “Contar e acompanhar uma narrativa é se dar conta dos eventos para delimitá-los em segmentos sucessivos e



arranjados a partir da coerência e coesão textuais que sustentam o próprio fazer da escrita” (apud VILAS BOAS, 2008, p. 235). Não nos esqueçamos, somadas ao enquadramento do filósofo francês, das áreas “desnarradas” que também compõem o gênero e categorias, ou seja, as demandas sobre o que não ocorreu, menções a possibilidades que existiram, mas não se concretizaram no curso subsequente das ações, resultando o significativo vazio – indeterminações não resolvidas sobre a natureza das ocorrências e atos passados de finalização apresentados como e se condicionais. Os desnarrados lacunares incluem não apenas estados e ações externas, mas internas, reforçando a fragmentaridade e a complexidade que permitem duvidar da arquitetura textual pretendida pelos (auto) biógrafos como algo fidedigno.

Considerado em todos esses aspectos, o espaço da memória é recriado lacunarmente, através da mediação de vozes imprecisas, conscientes da impossibilidade de totalização do vivido. Jean-Paul Sartre afirma que a memória é vítima da cilada do imaginário: “o ato de imaginação é um ato mágico, é um encantamento destinado a fazer aparecer o objeto em que estamos pensando, a coisa que desejamos, de modo a podermos tomar posse dela” (apud RICOUER, 2007, p.69). A ficcionalização da memória obedece a uma

sequência: impressão, percepção, lembrança e ficção que, juntos, por fim, resultam na imagem atualizada, não passando de imitação débil de um passado suposto. Segundo Foucault, o imaginário seria aquilo que, desde o início, articula o homem com outra coisa que não ele próprio, aquilo que introduz na sua experiência e conteúdos e formas mais antigas do que suas memórias e que ele não domina; aquilo que, ligando a cronologias múltiplas, entrecruzadas e transversais, frequentemente irredutíveis umas às outras, dispersa-o através do tempo e o expõe em meio à duração das coisas enquadrando-o em espaços e tempos que não são os seus. Paradoxalmente, o originário no homem não anuncia o tempo de seu nascimento, mas o núcleo mais antigo de sua experiência: “liga ao que não tem o mesmo tempo que ele através da imaginação; e nele libera tudo o que não lhe é contemporâneo” (2007, p. 97).

Verdadeiro é o que o é para o narrador. Isto porque as narrativas são ressignificadas no momento da narração, dada a natureza reconstrutiva e seletiva da memória. Trabalhar com memória não implica buscar fatos como verdade, vez que a memória não é um repositório passivo de fatos, mas um processo ativo de criação de significados (PASSERINI,1988). As trajetórias narradas proporcionam a construção de sentido de uma vida – a narração dessa trajetória não é



resultante do que realmente ocorreu em termos de experiências e aprendizagens, mas é resultante da organização desses elementos como um argumento com dimensão temporal, espacial e de múltiplas relações sociais (BOLIVAR et.all, 2001). A narrativa tem uma natureza temporal tridimensional, tendo em vista que rememora o passado com olhos do presente, permitindo prospectar o futuro, razão pela qual o próprio discurso narrativo não procura necessariamente obedecer a uma lógica linear e sequencial (RICOEUR, 1995). De forma articulada com a perspectiva tridimensional do tempo narrado, entendemos a narrativa em uma trílice dimensão: enquanto *fenômeno* (o ato de narrar-se operacionalizado em imbricação com o investigador); enquanto *metodologia* de investigação (a narrativa como fonte de investigação); e *processo* (de resignificação do vivido) (ABRAHÃO, 2005 b). A investigação que trabalha com narrativas autobiográficas permite o uso de metodologia de pesquisa que, mais do que ser mera técnica de coleta de dados e de análise de informações, propicia aos participantes uma (re)experimentação substantiva: resignificar a própria história pessoal/profissional.

Os planos de compreensão contextuais são analisados tendo em vista duas dimensões interligadas: a primeira diz respeito ao desenvolvimento profissional, que

compreende, na visão de Vonk e Schras (1987), a perspectiva do desenvolvimento pessoal, que é o desenvolvimento profissional como resultado de um crescimento individual; a perspectiva da profissionalização, que é o desenvolvimento profissional como resultado de um processo de aquisição de competências; e a perspectiva da socialização, que entende a profissionalização docente como centrada na adaptação do professor ao meio profissional em que atua. Compreende ainda a construção da identidade profissional, (LESSARD, 1986), ou seja, a relação que o professor estabelece com a profissão, com seus colegas e a construção simbólica que essa relação implica, pessoal e interpessoalmente, com base nas representações que os professores elaboram a respeito dos aspectos da atividade docente que compreende: o capital de conhecimentos – saber fazer e saber ser – que embasam a prática docente; as condições do exercício da prática docente de autonomia, de controle e contexto de atuação; pertinência cultural e social da prática pedagógica; estatuto profissional e prestígio social da profissão. Todas estas dimensões, juntas, é que edificam as bases do que chamamos uma identidade social e profissional e, pensando nas escritas de si, também o que pode alimentar, por exemplo, uma autobiografia intelectual.

Ferraroti considera que o indivíduo



“não totaliza diretamente a sociedade inteira, ele totaliza-a por meio do seu contexto social imediato, os pequenos grupos de que faz parte; nestes grupos são, por seu turno, agentes sociais activos que totalizam o seu contexto”. O foco do método biográfico é o indivíduo e as concepções teóricas que o consideram como átomo social: “longe de ser o mais simples dos elementos sociais – o átomo irreduzível dos elementos sociais –, o indivíduo não é o fundador do social, mas antes seu produto sofisticado” (1991, p.176). Dentro dessa perspectiva, desvendam-se o modo como se distribuem os sentidos que os educadores imprimiram ou imprimem às suas vivências e práticas, fenômeno pelo qual as vivências reflexionadas tornam-se, finalmente, experiências.

A identidade profissional de professores é uma elaboração que perpassa a vida profissional em diferentes e sucessivas fases, desde a opção pela profissão, passando pela formação inicial e, de resto, por toda a trajetória profissional do professor, construindo-se com base nas experiências, nas opções, nas práticas, nas continuidades e descontinuidades, tanto no que diz respeito às representações, como no que se refere ao trabalho concreto (DEROUET, 1988). Consoante esse entendimento, consideramos a narratividade (auto)biográfica uma prática e uma metodologia com potencialidades de

diálogo entre o individual e o sociocultural, visto que “só uma História de Vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos” (MOITA: 1995, p.113).

Mais do que buscar veracidade, prioritariamente, as informações autobiográficas têm o sentido de procurar uma verticalizada compreensão desses fatos de modo a permitir “o estabelecimento de relações significativas entre eles e os contextos vivenciais do sujeito da narração” (SOUZA, 2006, p. 28). Assim, pode-se postular que o uso do gênero, em suas mais interessantes e úteis experimentações contemporâneas – que envolvem as lições da modernidade de trabalhar com a fragmentalidade do ser, com suas representações e auto-representações, com a confusão intrínseca que remete à veracidade das memórias de cada sujeito que procura autoconhecer-se e reinventar-se –, talvez nunca tenha sido prática tão recorrente e reflexivo-crítico-transformadora quanto na última década.

A partir das escritas de si, pesquisas têm permitido identificar novos saberes e competências apropriados à atuação docente, e mostram-se comprometidas em compreender ampla e globalmente o processo



de profissionalização em todas as suas dimensões. Lembramos aqui Ramalho, Núñez e Gauthier (2003), para quem a profissionalização docente deve ser entendida em duas dimensões, que, em nossa compreensão, globalizam todos os sentidos da profissão: a “profissionalidade” e o “profissionismo”: a primeira leva o professor a adquirir competências fundamentais para o desempenho das atividades docentes e os saberes próprios da profissão; o segundo, indo além da qualificação e competência, é também uma construção social na qual se situam a moral coletiva, o dever ser e o compromisso com a educação. A profissionalização se refere, portanto, à maneira como se estabelecem as relações profissionais; às formas de desenvolvimento da atividade profissional; às associações estabelecidas dentro e fora do contexto de trabalho – implica a criação de estratégias e negociações com vistas a fazer com que a sociedade reconheça qualidades específicas que proporcionem, ao profissional, prestígio e reconhecimento social. A (auto)biografia de formação é produtora de tais sentidos, daí seu valor e contributo epistemológico.

### **Referências Bibliográficas.**

ABRAHÃO, M.H.M.B. Histórias de vida de educadores: uma contribuição para a formação de professores reflexivos. *Educação*

*Brasileira*, Brasília, v. 26, n. 53, p. 11-32, 2004c.

\_\_\_\_\_. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, M.H.M.B. (org.) *A Aventura (Auto) Biográfica – Teoria & Empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004 e. p. 201- 224).

\_\_\_\_\_. Pesquisa autobiográfica: contribuição para a História da Educação e de educadores no Rio Grande do Sul. *Educação*, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 139-156, 2005a.

\_\_\_\_\_. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. In: *História da Educação* (ASPHE). Pelotas: Editora da UFPel. v.14, n. 1, 2008. p. 79-95.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de P. Danesi. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Tópicos)

BOLIVAR, A. et al. *La investigación biográfico-narrativa em educación*. Madrid: Editorial la Muralla, 2001.

BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In: Ferreira, M e Amado, J. *Usos e abusos da história oral*. R.J. Ed. FGV. 1998.

DELORY-MOMBERGER, C. *Biographie et Éducation: figures de l’individu-projet*. Paris: Anthropos, 2001.

DELORY-MOMBERGER, C. Os desafios da pesquisa biográfica em educação. In: SOUZA, Elizeu C. (Org.). *Memória, (auto) biografia e diversidade: questões de métodos e trabalho docente*. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 43-58.

\_\_\_\_\_. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos)

KLINGER, D. I. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LEUJENE, P. *Je est un autre*. Paris. Éditions du Seuil. 1980.



\_\_\_\_\_. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org e Trad. Jovita Maria Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Trans-Formação. In NÓVOA, A. *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

RAMALHO, B. L.; NÚÑEZ, I. B.; SANTAMARINA, C. e MARINAS, J. M. Histórias de vida y história oral. In: DELGADO, J. M. e GUTIÉRRES, J. *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*. Madrid: Síntesis, 1994

RICOEUR, P. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Papirus, 1995. Tomo II

\_\_\_\_\_. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Mal*. Campinas – São Paulo: Papirus, s/d.

SOUZA, E. C. de. A formação como processo de conhecimento: histórias de vida e abordagem (auto) biográfica. In.: BRAGANÇA, I. F. de S.; ARAÚJO, M. da S.; ALVARENGA, M. S e MAURÍCIO, L. V. – *Vozes da Educação: memórias, histórias e formação de professores*. Rio de Janeiro: DP et alli, 2008, pp. 85/102.

VILAS BOAS, S. *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.